

Considerações finais

Talvez seja difícil descrever a satisfação que sentimos quando podemos ver nosso trabalho pronto, completo. Foram meses de estudo e dedicação, idas e vindas de bibliotecas e arquivos. Além dos afazeres da Universidade, um desafio à vista, chamado exercício monográfico.

Bem, buscamos inspirações, aquele sopro interior que mostra o caminho a ser seguido na pesquisa. A escolha do tema, o desenvolvimento, a bibliografia. De repente tudo pára, ocorre uma ligeira mudança de direção, há percalços no caminho. Bem, a estrada é tortuosa de fato, pois tortuosos são os caminhos da história. Em que direção eu sigo? Qual será o próximo capítulo? Todos foram tomados pela dúvida. Com as orientações do mestre, atravessamos os obstáculos, vencemos as barreiras. E como Colombo, navegamos pelo Atlântico, como Montezuma, guerreamos pela nossa terra, e como os holandeses, defendemos nossas posições.

Aos poucos, o trabalho vai tomando forma, corpo, eis um ótimo exercício de escrita. Escrevemos como nunca, páginas e páginas, criticando, argumentando, revelando as fontes, as bibliografias, interpretando, tudo isso com uma boa dose de poesia e alegria. Sim, ‘poesia e alegria’, essas foram as duas principais ferramentas de nossa caminhada, e as duas andavam juntas, de mãos dadas. A alegria esteve presente da escolha do tema ao último ponto, a alegria foi nosso combustível, sem ela não teríamos feito o trabalho, ela esteve o tempo todo em nosso coração. E com alegria seguíamos à biblioteca, e com alegria dedicávamos a formatar, formatar e formatar. Nossa dedicação foi movida a alegria. E a poesia? Tudo é digno para poesia, tudo é vivo, tudo é arte, e a nossa escrita é a nossa forma de expressar nossas emoções, e com uma intensa dose de poesia, escrevemos. Quem disse que a escrita da história não é arte, não é forma de expressar sentimentos? Antes de ser ciência, a escrita da história é fazer artístico, é recriar em palavras e papel, a vida e os costumes, as perspectivas e os valores, de indivíduos, grupos, classes, sociedades, perdidos no tempo.

Pois então, com Poesia e Alegria, nos dedicamos meses a fio à escrita, à história, ao conhecimento e à investigação. E assim, quando tudo estava terminado, com os nossos respectivos trabalhos em mãos, pudemos expressar com a mais deliciosa palavra para aquele que se dedica com fervor e que conclui com louvor, a nossa satisfação: “Ufa!”.

Entregue cada trabalho, surge a tensão com um toque de tristeza. Tememos pelas considerações do mestre, queremos ser perfeitos, mesmo que para o ser humano (e para a história) isso seja impossível, oras, não somos Deus, temos história, somos constituídos de valores, temos o direito de errar. Mas não queremos tropeçar, não admitimos falhas, e a tensão nos tomou pelo medo destas. A tristeza veio logo, como sintoma da abstinência da ‘alegria da pesquisa’. Questões como, ‘e agora, que caminho seguir?’ pairaram sobre nossas cabeças novamente, não encontramos essa resposta em nenhum manual escrito, nem naqueles maravilhosamente redigidos por Nietzsche, Marx ou Freud. A resposta estava em nós, na verdade a resposta estava escrita em nossa história, em nossa vivência, só nos falta, muitas das vezes os óculos certos para ler letras tão minúsculas nos gigantescos livros de nossas vidas, mais do que isso, falta-nos muitas vezes discernimento para interpretar aquilo que nós auto-construímos, nossa alma.

Mas, com uma pequena nota de resignação, nos acalmamos, respiramos fundo, e quando vimos já tínhamos encontrado novas histórias a serem desvendadas. Bendita és, curiosidade, o verdadeiro motor das descobertas, a maior das virtudes dos inventores. Pois sim, somos os bandeirantes dos arquivos, somos os desbravadores da história. Temos uma pitada de editora de revista de fofocas, somos curiosos, buscamos respostas para aquilo que muitas das vezes não tem sequer uma pergunta.

Chegamos ao fim de mais um período de muitos que se seguirão por toda a nossa história de vida, o professor traz sob os braços as notas. Mal sabia ele, mas não queríamos notas, queríamos sim as suas considerações, queríamos repostas para as nossas indagações. Com os sucessos, percebemos que o nosso primeiro passo não foi em falso, mas sim um ótimo começo de caminhada. Tortuosa? Sim; Alegre e Poética? Com certeza.

Anderson Leon.